


## **Gemellaggios e transnacionalismo étnico: ritualidades de memória coletiva de italianidades**<sup>1</sup>

**João Carlos Tedesco**

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil  
Bolsista CNPq – Produtividade em Pesquisa 2

 <https://orcid.org/0000-0002-8935-5697>

E-mail: [jctedesco@upf.br](mailto:jctedesco@upf.br)

**Resumo:** O texto analisa processos que buscam viabilizar acordos étnicos entre italianos e brasileiros com descendências comuns em termos territoriais. Esses acordos são denominados de *gemellaggios*. Eles se evidenciaram a partir de 1990 no contexto da globalização econômica e cultural. Com pesquisa de campo na Itália, em particular, na região do Vêneto, e no nordeste do Rio Grande do Sul, constatamos um grande dinamismo desses acordos. Concluimos que os *gemellaggios* congregam memórias coletivas alimentadas pelo passado de origens territoriais e dialetais comuns, ritualizam italianidades e otimizam, a partir do horizonte cultural e étnico, negócios, migrações tuteladas e redes que vinculam os dois territórios.

**Palavras-chave:** *Gemellaggios*; Identidade étnica; Italianidade; Memória coletiva.

### ***Gemellaggios* e ethnic transnationalism: ritualities of collective memory of italianities**

**Abstract:** The text analyzes processes that seek to enable ethnic agreements between Italians and Brazilians with common descent in territorial terms. These agreements are called *gemellaggios*. They became evident from 1990 onwards in the context of economic and cultural globalization. With field research in Italy, particularly in the Veneto region and northeast of Rio Grande do Sul, we can note a great dynamism in these agreements. We conclude that *gemellaggios* bring together collective memories fed by the past from common territorial and dialectal origins, ritualize italianities and optimize, from the cultural and ethnic horizon, businesses, tutored migrations and networks that link in the two territories.

**Keywords:** *Gemellaggios*; Ethnic identity; Italianities; Collective memories.

**Texto recebido em: 13/09/2019**

**Texto aprovado em: 14/11/2019**

### **Introdução**

No horizonte da globalização e da sua conseqüente transnacionalização de múltiplos processos sociais, econômicos e informacionais, tudo parece que ganha amplitude global, que as fronteiras não existem mais. Até mesmo os territórios étnicos. A dimensão étnica expressa modos de ser de grupos sociais, a qual, em razão de especificidades locais/regionais, dos locais de origem, buscam

diferenciarem-se, interligarem-se a horizontes do passado, apropriarem-se de recursos simbólicos (geográficos, linguísticos, etc.), identificarem-se e produzirem pertencimentos multiterritoriais.

Nesse cenário do temor da globalização e da universalização de referências culturais, memórias coletivas e ícones que se ligam a grupos sociais tornam-se patrimônios imateriais, passam a ser demandados, instituídos, ritualizados e disseminados. Porém, é interessante enfatizar que o associacionismo étnico, no caso em questão entre agrupamentos migratórios italianos, é parte integrante de sua história no Brasil, fruto de um processo já existente e contextualizado na Itália, sob influência religiosa, política, econômica, assistencial, etc. (FRANZINA, 1995; TRENTO, 1989; BIONDI, 2012). Desse modo, há uma história longa que os identifica, tema que foi abordado já por muitos analistas<sup>2</sup>; sua história, em territorialidades múltiplas, revela essa prática, que buscava produzir pertencimentos, identificações, ligações com a pátria-mãe e o local específico de origem de fluxos migratórios, assim como (re)dimensionar determinados processos memoráveis, valorativos e culturais agrupados na dimensão étnica (TRENTO, 1990; FRANZINA, 2011; BERTAGNA, 2006).

Esse processo ganhou um novo dinamismo a partir do final do século XX com os acordos de *gemellaggios*<sup>3</sup> entre municípios do sul do Brasil, em particular, do Rio Grande do Sul e Santa Catarina com alguns municípios das regiões norte e nordeste da Itália. Com eles, revigoram-se as italianidades, as dimensões que davam a conotação de pertencimento étnico, bem como a interligação entre territórios, fazendo com que os negócios, aliados ao fenômeno étnico, possam ser dinamizados num cenário de globalização econômica.

Os acordos de coirmandades étnicas vêm se desenvolvendo nas últimas três décadas com grande expressão. Esses vínculos históricos de memórias de imigração e de grupos imigrantes em particular, localizados em territórios de origem e de destino transoceânicos, formam e/ou reconformam grupos identitários buscando transformar imigrantes em grupos étnicos, agregando identificações, valores, sentimentos e práticas consideradas e/ou atribuídas como comuns. Isso permite ritualizar uma memória coletiva da imigração de um grupo, de uma formação dialetal (vicentina, friulana, padovana, trentina, lombarda, etc.), além de fortalecer laços étnicos através de associações que ligam dois territórios, tempos distantes (mais de um século), valores culturais com tonalidades localizadas e/ou regionalizadas a partir do espaço de origem.<sup>4</sup>

Com essa realidade, que vem ganhando corpo na perspectiva étnica e que intensifica e reconstrói italianidades, horizontes culturais se ligam no tempo, entrecruzam-se pela institucionalidade dos grupos e dos territórios, além de ganharem formatos variados em razão da maneira de como os grupos étnicos se manifestam e se auto percebem (SEYFERTH, 1993, ZANINI, 2006). Desse modo, entendemos que as etnicidades são construídas, adaptadas e convencionadas nos tempos em que os grupos as têm como fundamentais. Elas tornam-se armas de identificação e passam a ser e ter *lugares/locais* definidos no cenário da globalização (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1978).

Dito isso de uma forma introdutória e genérica, a presente análise busca identificar alguns dos processos que vêm ocorrendo nas últimas décadas, no contexto da globalização econômica e cultural (essa última, visto por alguns como mundialização), ligados à etnia italiana. Busca-se atualizar alguns dos processos que, nos últimos anos, vêm ocorrendo em torno dos *gemellaggios*, os quais se correlacionam com os festejos étnicos de expressão de italianidades regionalizadas a partir da pátria-mãe, das festas genealógicas, ou *de famílias* (trancos genealógicos formados a partir da chegada ao Brasil de algum imigrante, em geral, no horizonte masculino, de reprodução do sobrenome). Esses rituais fortalecem pertencimentos, constituem memórias coletivas e interligam-se ao passado de lugares, pois se referem a grupos, com um quadro social e cultural baseado no território de origem e no de destino, os quais conformam o referencial étnico.

O autor teve oportunidade de, em janeiro e fevereiro de 2019, estagiar como professor visitante na Universidade de Verona (Itália) e, nessa oportunidade, foi revisada literatura, visitou-se municípios nas Províncias de Vicenza, Belluno, Trento e Treviso (Norte e Nordeste do país), os quais possuem *gemellaggios* com municípios do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Nesse sentido, foram atualizados estudos anteriores em torno da mediação e dos sentidos dados a essas associações e vinculações históricas, étnicas e territoriais, os resultados disso, os rituais promovidos, as delegações que viajam de um país para outro, a imigração de brasileiros para a Itália, essa demandada e tutelada por esses acordos, dentre outros processos.

Na mesma maneira, continuou-se atualizando nossos estudos em espaços dos dois estados já foram mencionados, com pesquisa de campo, entrevistando responsáveis pelos acordos no sentido de perceber as justificativas, a fundamentação histórica, os resultados, as expectativas, os rituais de sobreposição

étnica nos municípios onde ocorrem, que, em geral, os *gemellaggios* promovem, participando por ocasião do ritual institucional de assinatura de dois acordos em municípios no norte do Rio Grande do Sul em 2019, dentre outros aspectos. Desse modo, as fontes foram pesquisa de campo nos dois países, leituras de jornais em que matérias foram produzidas sobre os acordos e saídas e chegadas de delegações dos dois países para viabilizar a ritualidade deles, as produções de cunho histórico e cultural que são produzidas para legitimar e fundamentar os pactos de amizade e, posteriormente, os *gemellaggios* e revisão de literatura sobre memória coletiva e a constituição de identidades étnicas.

A temporalidade que foi definida se expressa a partir da década de 1990 em razão da intensificação dos processos de globalização e da ampliação e fortalecimento de acordos de municípios coirmãos entre Brasil e Itália. Parte-se da hipótese de que, nesse contexto histórico de temor de perdas culturais, etnicidades (no caso de expressão das italianidades) buscam redefinir-se e/ou são reconstruídas a partir de seus horizontes específicos do lugar e, nessa ampliação, novos significados são impressos, os quais ganham resistência frente aos mecanismos econômicos e culturais da globalização, com suas concepções de universalismo, homogeneização, desnacionalizações, sobreposição econômica e tecnológica, dentre outros.<sup>5</sup> No interior dessa esfera étnico-cultural, dimensões econômicas são intencionadas. Na Itália, na década de 1980, intensificaram-se ações políticas das regiões (Vêneto, Trento, Lombardia, por exemplo) em busca de sua própria identidade e isso foi estendido ao antigo horizonte imigratório italiano. Isso ficou muito evidente com as inúmeras instituições que surgiram a partir daí identificando-se regionalmente, principalmente no sul do Brasil.

O texto foi organizado, primeiramente, analisando alguns processos históricos e institucionais que vêm produzindo irmandades étnicas regionalizadas, identificações de italianidades com a intenção de fortalecer, *all'estero*, uma memória coletiva de cunho étnico. Posteriormente, adentra-se com mais ênfase na dinâmica dos acordos de *gemellaggios* com a intenção de demonstrar seu dinamismo, alguns dos elementos que os embasam, sua correlação com as possibilidades de otimização de negócios num mundo globalizado, as redes transnacionais e institucionais que os viabilizam.

**Italianidades em irmandades: identificações e rituais de memórias coletivas**

Como foi visto na introdução, o associacionismo italiano no Brasil é de longa data; acompanhou a imigração; nos primeiros tempos, através de sociedades/associações de mútuo socorro (DE BONI; COSTA, 1984; LUCA, 1990; BIONDI, 2012), formatos outros de associações como clubes, círculos, pequenas cooperativas (NORONHA, 2001). De certa forma, todas elas, buscavam dimensionar a “italianità” (DE BONI; COSTA, 1984; LUCA 1990), reconstituindo processos étnico-culturais e de identificação política com a pátria-mãe e com intencionalidades estendidas na pátria de destino (NORONHA, 2001, TRENTO, 1990). Autores dizem que houve uma verdadeira explosão de sociedades italianas em São Paulo entre 1896-1899, com maior centralidade para 1897 (BIONDI, 2012). As agremiações possuíam características regionais marcadas ou demarcadas pela diversidade de membros e de influências regionais (socialistas/clericais, empresários/trabalhadores, monarquistas/republicanos, dentre outros pares opostos), com prevalência de seus membros, por vezes, muito diferenciadas e conflitantes, buscando identificação nacional num processo de (re) construção, transformação e pertencimento étnico. Jornais, revistas, folhetos de e para imigrantes italianos surgiram em grande quantidade, muitos deles correlacionados a algum tipo de instituição associativa do Brasil ou da Itália, muitas vezes, a partir dessa última, com dimensão regionalizada (TRENTO, 1990; BERTAGNA, 2006). Nesse sentido, ao falarmos de italianidade, preferimos colocá-la no plural em razão de sua não homogeneidade e significados.

A política varguista no Brasil, por vários anos, recrudescer o caráter político dos agrupamentos associativos ligados às italianidades, em particular, as que atuavam em grandes centros urbanos e com canais de divulgação (revistas e jornais) (TRENTO, 1990); porém, não significa que tenham sido extintos todos e nem atingido a todos por completo. Estratégias, redimensionamentos de práticas e de abordagens identificadoras, alterações do contexto histórico brasileiro (dentre elas, industrialização, urbanização, integrações regionais, modernização da agricultura, etc.) irão também permitir alterações no quadro associativo das múltiplas dimensões das italianidades, principalmente no centro-sul do país (COLOGNESE, 2004). As noções de dispersão, diversificação, diferenciação e representação entre as várias associações étnicas de italianos (em geral, descendentes), pós-período varguista, revelaram a sua polissemia, os rituais de

afirmação pública e sobreposição étnica de descendentes de italianos, em particular, no campo econômico e político (LUCA, 1990; COLOGNESE, 2004).

No período em que a globalização econômica e cultural buscou se intensificar no mundo ocidental, no final da década de 1980, pelas pesquisas que foram feitas no sul do Brasil, percebeu-se ser um contexto de grande afirmação de grupos étnicos e identitários de vários matizes, dentre as quais a italiana; buscou-se constituir uma intensa ritualidade objetivando compartilhamentos de valores culturais comuns e reinvenções de tradições.<sup>6</sup> As associações se multiplicaram, principalmente em pequenos municípios, os quais ganharam denominações de locais de proveniência de grande parte do grupo de imigrantes<sup>7</sup> que saíram da Itália. Elas foram criadas com identificação regional (associações vênetas, trentinas, friulanas, piemontesas, lombardas, etc.). Foi um período marcado pela grande tendência de sobreposição étnica, através da expressão econômica e investimento político, legitimadas pela ótica do mito da expansão econômica, essa, entendida como fruto do trabalho, de valores familiares e da expressão religiosa católica e do local de origem de proveniência dos imigrantes. Passaram a ser criados os institutos ítalo-brasileiros (Comitatos), em geral, no campo assistencial e cultural (nesse último, a divulgação da língua), consulados e vice-consulados em várias capitais e cidades de maior expressão da comunidade de italianos. Desse modo, as etnicidades transcendiam as fronteiras nacionais e produziam comunidades de pertencimento translocais, com irmandades que imprimiam rituais integrativos (CANDAU, 2011).

Inventar tradições e produzir ideologias de pertencimento sempre fez parte da história da humanidade (HOBSBAWM; RANGER, 1984); desse modo, usa-se politicamente a memória e os referenciais culturais de grupos. Isso serve para momentos de necessidade de forte agregação coletiva, como também para ligar tempos e otimizar pertencimentos no mundo do mercado de bens simbólicos (produtos *típicos*, por exemplo), no horizonte cultural de *territorialidades* (“gli veneti”; “i padani”, “gli italiani nel mondo”). As etnicidades, da mesma forma, são produzidas, inclusive, nos contextos relacionais da imigração, pois seus sistemas simbólicos permitem categorizar identidades, marcar diferenças que lhes dão valor e significados (BAUMAN, 2003). Desse modo, insistimos no fato de que as etnicidades não são estanques, mas processos relacionais que funcionam como controle, definição grupal e fronteira, carregam distinções que se produzem em

diferentes contextos e, por isso, como resultado de interpretações de si socialmente construídas (BAROUH, 1998).



Fonte: <<http://www.cavallaro.com.br/genealogia/gif/logo2.gif&imgrefurl>>.

**FIGURA 1**

**Símbolo dos italianos no mundo**

Os festejos étnicos, a gastronomia, as genealogias deram o tom dos rituais definidores das italianidades; as artes ganharam novos impulsos (corais, artesanato, dialetos), praças urbanas passaram a ser um espaço de sobreposição e identificação étnica com obeliscos, monumentos e nomenclaturas.<sup>8</sup> A árvore da memória genealógica, a qual tende a metaforizar o tronco com os pioneiros imigrantes, passou a ser ressemantizada por noções de “origem”, “local de procedência”, “valores italianos” e dialetais. Isso tudo passou a ser alimentado pelo mito fundamente da imigração e do amor e o orgulho pela “origem”. Daí surgiu os grupos identificados regionalmente como os “Veneti nel mondo”, “trentini nel mondo”, etc. (COLOGNESE, 2004).

Diz Candau (2011, p. 149) que a “atividade da memória que não se inscreve num projeto do presente não tem carga identitária e, com mais frequência, equivale a nada recordar”. Desse modo, os *gemellaggios* buscam desenvolver o espírito histórico, mas, acima de tudo, o sentimento de continuidade, ou seja, uma irmandade que permanece ritualizada por dialetos, costumes, crenças materializadas na família, no âmbito religioso, linguístico e do trabalho, pilares esses produzidos, para os imigrantes, em regiões da pátria-mãe e reproduzidos nos espaços de destino.



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Marau.

## FIGURA 2

### Assinatura de *gemellaggio* entre um município do norte do Rio Grande do Sul com outro da região do Vêneto na Itália

Desse modo, regiões delimitadas passaram a ser “territórios étnicos”, redes que se entrelaçam regionalmente através de comunidades (vênetas, friulanas, lombardas, trentinas...), associações, juntas regionais, círculos, comitatos, pactos de amizade, consulados, COMITES (Comotato degli Italiani all’Estero), federações (representantes de associações), Conferenze (exemplo da “Conferenza Permanente dei Veneti nel Mondo”<sup>9</sup>). Ou seja, nesse horizonte todo de vínculos regionais, mundializam-se processos identitários e territoriais.<sup>10</sup> Transcreveremos apenas alguns fragmentos colhidos em entrevistas diretas com membros de associações:

coisas que a gente trás no sangue desde os que saíram da Itália; (...) é o sangue italiano que está na nossa origem; (...), para não esquecer da história, né (...), aqui se come, se dança, canta aquelas antigas canções, em italiano, dialeto, né, (...), é bom; tem gente aqui que foi para a Itália, tem os que estão se organizando para ir, eu já fui duas vezes (...), tem gente que está fazendo negócios com italianos por aqui, eles vêm para cá (...), isso tudo hoje ficou mais fácil. (...) talvez, com o nosso exemplo, os mais jovens vêm também.<sup>11</sup>

Nos fragmentos de fala percebe-se uma narrativa de memórias de origens, suas representações, bem como os elementos que formam os “laços primordiais” (CANDAU, 2011) que fundamentam a etnicidade em questão. Halbwachs (1990) já dizia que a memória tem a característica de operar quando ligada e referida a



aspectos concretos, como por exemplo, objetos, lugares e pessoas, aspectos esses passíveis de transfiguração significativa e simbólica, ou seja, para servir de testemunho, de figuras-chave do processo de reconstrução do passado. Expressar a dimensão temporal passada e (re) significar o coletivo presente são papéis dos rituais de memória; sua eficácia está em transtemporalizar o pertencimento social e cultural aos seus membros.

### **Redes e territorialidades: lugares e tempos entrecruzados**

As associações étnicas de descendentes de italianos galvanizam-se e legitimam-se atravessando o Atlântico e vinculando-se na forma de redes constituindo os vários canais oferecidos por grupos regionais da Itália. As associações, principalmente na forma de *gemellaggios*, referenciam-se no passado e (re) produzem uma memória e identidade coletiva ressituidas no tempo e que funcionam como guardiões da memória do grupo territorial de pertencimento (vêneto, lombardo, friulano, etc.). Com isso, ao mesmo tempo em que se busca cristalizar tempos, são revigorados os grupos e se permite o trabalho da memória, ou seja, de presentificar passados que ao presente interessa e/ou significa.

A memória coletiva manifesta um conjunto de representações do passado que permanecem conservadas e transmitidas entre seus membros, pela sua função prática de integração (HALBWACHS, 1990). Daí advém a noção de *pertencer*. Essa possui uma ressonância moral, de vizinhança, de compartilhar do mesmo sangue, do mesmo espaço, de uma *contratualidade* cultural e simbólica, de cooperação solidária, afetiva e parental, identidade coletiva e genealógica. O pertencimento carrega consigo também a necessidade de ancorar o/no grupo/comunidade algo que garanta continuidade, tanto para o futuro, quanto para o passado. Nesse caso, o pertencer pode se dar pela simples identificação cultural e, sua temporalidade se altera, se renova e se entrecruza. É por isso que, sentir-se *pertencendo*, carrega uma simbologia que une indivíduo a uma totalidade histórico-cultural e temporal de longa duração, de memórias fortes, como é o caso da separação pela emigração e a recostura histórica e de costumes que busca se evidenciar e justificar os acordos de irmandades étnico-territoriais e dialetais. Isso produz aquilo que Candau (2011, p. 87) chama de “qualidade associativa e emocional”, ou seja, que materializa aquelas representações que são centrais na configuração do grupo identitário, as

quais se esforçam para eternizar o passado e dimensionar a nostalgia de um passado idealizado (genealogias, dialetos e tradições expressam isso).

A memória étnica passa a atuar na construção, alimentação e fortalecimento da identidade.<sup>12</sup> Nessa dimensão e para o caso em questão, os vínculos com a Itália passam a ser mais amplos; estão presentes a dupla-cidadania, os cursos de língua italiana, excursões e intercâmbios entre os dois países, encontros de troncos de família passam a se disseminar por vários municípios do Sul do Brasil, para isso, intensificam-se as buscas de genealogias na Itália; escritórios são montados, tanto na Itália, quanto no Brasil, para viabilizar essa intermediação, bem como os contatos inter-regionais entre os dois países são ampliados e identificados historicamente. Desse modo, recursos de memória se entrecruzam com os da identidade reforçando-se mutuamente (CANDAU, 2011) e dando conteúdos ressignificados a uma coletividade, como uma qualidade de agrupamento emocional, esforçando-se para eternizar um tempo passado (local de origem dos antepassados, emigração, vida na colônia, o trabalho aliado ao sacrifício e aos limites). Assim, esses conteúdos ressignificados e comemorados pelos *gemellaggios* tendem a desenvolver nos grupos de hoje o “espírito histórico e o sentimento de continuidade” (CANDAU, 2011, p. 147), um projeto de integração e de unidade étnica de tempos e territórios diferenciados e distanciados.



Fonte: <<https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/0e/a2/ad/82/nova-padua-acordo-de.jpg>>.

**FIGURA 3**

**Informação pública de *gemellaggio* entre um município do nordeste do Rio Grande do Sul com um da região do Vêneto**

Nessa nova dimensão, vinculada às redes, enfatiza-se um tempo que advém, não obstante a consciência do seu movimento e transformação, de um período longo, enraizado no passado, como lembranças míticas de origem. Para isso tudo, busca-se uma memória de acontecimentos, eixos temporais, lugares de memória para evidenciar os coletivos (grupos, associações, círculos, comitatos, *gemellaggios*, etc.) para representar, sentir-se pertencendo e, com isso, ritualizar o fortalecimento como grupo identitário (HALBWACHS, 1990), produzindo, com isso, um *capital memorável de lembranças* compartilhadas (CANDAU, 2011) que reconfigura e representa uma memória coletiva.

No caso específico dos *gemellaggios*, eles passam, então, a redefinir alguns processos que ligam tempos, sujeitos, fatos (migração) e territórios. Nesse horizonte relacional, eles coroam um processo histórico e imprimem novas ações e possibilidades em meio a outros referenciais associativos e de vínculos institucionais de caráter étnico de italianos no início do século XXI. São, em geral, desenvolvidos por esferas políticas e religiosas (prefeituras/prefeitos, empresas, instituições consulares, representações associativas, Igreja Católica).



Fonte: Foto de Luiz Chaves / Palácio Piratini – RS.

#### FIGURA 4

#### **Presença do governador do estado por ocasião da assinatura do *gemellaggio* entre Nova Roma do Sul e Cavaion Veronese (Itália)**

Desse modo, os *gemellaggios* colaboraram para produzir ligações históricas com o processo migratório, integrações, duplo pertencimento, vínculos e laços históricos, uma tentativa de expressão do amor pátrio ao *bel paese*.

É o reconhecimento que temos pelos imigrantes e descendentes que estão lá no Brasil, que fizeram sua vida lá e hoje nos permite fazer o que não foi possível em mais de 100 anos, ou seja, mostrar que temos uma origem comum. (...). Podemos com isso criar situações de intercâmbio, de comércio, de ver o que um necessita e o que o outro tem para oferecer (...). Com os *gemellaggios*, um tem mais confiança no outro.<sup>13</sup>

A concessão da dupla-cidadania e a conseqüente emigração de brasileiros para a Itália nas últimas duas décadas surgem nesse contexto,<sup>14</sup> ou seja, desenvolvem-se no interior de uma lógica econômica que se alimenta por um horizonte étnico-cultural e/ou *irmandades* histórico-territoriais<sup>15</sup> (os *oriundi*, ou os *de origem*), produzindo novas representações, fronteiras culturais, tradições e funcionalidades econômicas. Em entrevista com o secretário da cultura do Município de Pordenone, nordeste da Itália, ele nos disse que

o *gemellaggio* que fizemos (...), nos deu muita esperança de unidade entre nós. Temos histórias comuns do passado e que não podem ser esquecidas. (...). Há negócios em processo (...), imigrantes estão aqui também, muitas enfermeiras que cuidam de nossos idosos aqui. (...). Não temos que ter mais fronteiras entre nós (...), somos todos italianos, todos vênets. (Entrevista direta em janeiro de 2019).

140

Os *gemellaggios* vêm ao encontro desse dinamismo que reconfigura as oportunidades econômicas mercantis dos mercados globalizados, produzem também nichos de mercados que se alimentam por justificativas étnicas, irmandades constituídas num período histórico apropriado e que podem produzir funcionalidade aos sistemas de mercado atuais. Desse modo, tradições, identificações histórico-cultural de grupos e locais de origem e de destino interligam-se para desenvolver pré-condições para a dinâmica das trocas, dos negócios, das parcerias e investimentos econômicos.

Os *gemellaggios* fazem frutificar isso na mesma proporção de sua quantificação. No Rio Grande do Sul havia mais de 70 acordos de cooperação até junho de 2019, acrescidos ainda de “pactos de amizade” entre municípios dos dois países. Mais de 30 *gemellaggios* são acordados especificamente entre municípios do Rio Grande do Sul, em particular, na sua parte centro-norte, com a região do Vêneto na Itália.<sup>16</sup>

Como vimos, a Igreja Católica, as associações políticas, as de representação étnico-regional<sup>17</sup>, dão a legitimidade e a concretude aos acordos, os quais, em geral,

começam a se desenhar na dimensão do *Patto di Amicizia* (Pacto de Amizade) e, aos poucos, ganham corpo e transformam-se em acordos de cooperação (*gemellaggios*). Representantes da Igreja Católica passam a ser fundamentais, pois interligam credos, princípios caros à instituição, como é o caso da família, do trabalho, do parentesco, dos vínculos com a sua presença no passado junto aos imigrantes, etc. Eles estão muito presentes em festas étnicas e genealógicas que se desenvolvem no sul do Brasil em regiões de intensa presença de descendentes de italianos.



Fonte: Foto gentilmente cedida por Ildo Busnello.

#### FIGURA 5

#### **Presença de religioso (no centro) junto à delegação da Itália para assinatura de acordo de *gemellaggio* em município do Rio Grande do Sul**

Discursos são produzidos nos atos e rituais de afirmação dos acordos, muitos deles inflados na dimensão histórica, do apagamento e congelamento dos tempos e dos fatores culturais com a intenção de demonstrar os laços existentes, as identificações, etc. Por ocasião de um dos acordos que participamos, um dos responsáveis disse em seu discurso que,

além dos possíveis elementos econômicos, há possibilidade de estreitar a união levando em consideração as tradições e culturas que entre nós são semelhantes. (...). Temos a mesma raiz, falamos o dialeto nosso (...), com isso podemos fazer negócios e reproduzir a nossa cultura.<sup>18</sup>

Nesse sentido, o texto a seguir é ilustrativo, pois além de revelar a dimensão da oficialidade política e normativa, enfatiza as questões ligadas aos “laços de sangue”, “cultura”, “famílias”, “tradição”, além do ufanismo (“bravos italianos”):

Lei nº 4.840, de 22 de agosto de 2012: Autoriza o Município de Marau a realizar Ato de Intercâmbio “gemellaggio”, com o município de Isola Vicentina/Vicenza – Itália. (...).

Art. 1º Fica o Município de Marau autorizado a firmar o Ato de Intercâmbio – Gemellaggio – com o Município italiano de Isola Vicentina. (...), *estreitar laços culturais* com cidades italianas em razão da notória ascendência das famílias locais. (...). Não é necessário lembrar os *fortes laços de sangue* que unem Brasil e Itália, em especial nosso Município colonizado que foi por *bravos italianos* que aqui se estabeleceram no passado e que até hoje *estão presentes em nosso sangue* como parte de nossas famílias. (...), de desenvolver o relacionamento entre as famílias para que se mantenha a *cultura e as tradições das nossas populações* e também de promover iniciativas sociais, culturais e econômicas.<sup>19</sup> (Grifo nosso).

As noções de comunidades/irmandades transnacionais e de proximidades são importantes para tornar legítimo o espaço da memória. Já se viu que a memória coletiva é caracterizada por um intenso componente afetivo. Esse nasce da estreita interação e seu conseqüente intercâmbio de experiências entre os membros de grupos presumivelmente em pertencimento. Nessa dimensão, identidade e memória coletiva são representações de uma origem e pertencimento grupal, espacial e, em parte, sanguíneo, linguístico e culturalmente semelhantes. Nesse processo, a memória exerce um papel importante através da manifestação de símbolos evocativos de pertencimento, de representações que são ativadas e provocadas num cenário onde existem simbologias de etnicidade e vontades manifestas de estabelecerem diferenças e semelhanças, de demarcar seu espaço e sua pertença.

Há alguns pré-requisitos para viabilizar os *gemellaggios*, dentre os principais, é que haja comprovação de fluxos imigratórios de determinadas regiões da Itália para a referida região e/ou particularmente, para o atual município, que haja descendentes desses imigrantes. É necessária também a existência prévia de associações e que seja comprovado que as mesmas “promovem a valorização e manutenção da cultura italiana”, pessoas que “saibam falar a língua, quem conhece o dialeto”. No campo econômico, “pessoas interessadas em fazer negócios, parcerias, intercâmbios, trocas de conhecimento, assessoria técnica, importação/exportação de produtos”; no campo cultural, “desenvolver o

relacionamento entre as famílias para que se mantenha a cultura e as tradições das nossas populações”, além do “benefício de estudantes e trabalhadores de ambas as cidades que poderão estudar em universidades vinculadas, ou mesmo trabalhar temporariamente em áreas afins com seus objetivos”. O que mais é evidenciado em todos os acordos que foram pesquisados é a obrigação de expressar o desejo “de sempre manter viva a ligação dos descendentes com seu país de origem”, viabilizar a “troca de experiências de práticas bem sucedidas aqui e que podem ser implantadas na nossa futura cidade irmã, e vice-versa”.<sup>20</sup>



Fonte: Revista ACI – Carlos Barbosa, n. 51, p. 14, nov. 2014. Exemplar gentilmente cedido por Eliani Inês Lanzarini.

### FIGURA 6

**Delegação de representantes de um município do nordeste do Rio Grande do Sul em Veneza por ocasião da assinatura de acordo de *gemellaggio* com o município de Nove, região do Vêneto**

A simbologia da vitória sobre as adversidades e sacrifícios estão presentes em várias narrativas dos discursos de seus promotores: “destacou a perseverança e a coragem dos imigrantes que venceram todas as adversidades e hoje voltam a apertar as mãos dos irmãos italianos”; “a assinatura dos *gemellaggios* significa a união de sentimentos de terras e culturas que tem as mesmas raízes”.<sup>21</sup> Nos discursos de italianos, isso também está presente:

Tra Italia e Brasile, terra della nostra più antica e massiccia emigrazione, questi rapporti stanno vivendo un autentico boom (...).

Riscoperta di valori e di comuni origini, approfondimenti culturali, interscambi di esperienze di gestione amministrativa, sviluppo del turismo sociale; (...), sono stati fitti di appuntamenti ufficiali con il mondo politico e imprenditoriale, di incontri con la comunità locale, di eventi culturali e spirituali, e hanno messo in luce aspetti interessanti. (...), dunque, i gemellaggi sono strumenti che danno un forte impulso a questa tendenza, e che incentivano il turismo locale.<sup>22</sup>

No horizonte dos discursos ufanistas e na intenção de demonstrar a importância dos acordos de coirmandade para viabilizar negócios, diz uma matéria de um jornal de Vicenza que: “O Rio Grande do Sul é aquele estado que nos últimos anos tem registrado o maior desenvolvimento de toda a federação e é rico de pequenas e médias empresas. (...) O acordo alegra o Brasil e também nós, e a escolha não foi casual”.<sup>23</sup>

Em geral, há investimentos de Italianos em setores que são dinâmicos nas cidades *gemelladas* como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Marau, Encantado, dentre outras que nos foram mencionadas. Nas narrativas em jornais, nos discursos por ocasião dos acordos, nas entrevistas que foram feitas com representantes e/ou encarregados dos municípios pelos *gemellaggios*, viu-se que há um forte traço ufanista, principalmente no âmbito econômico de italianos no espaço local, do passado histórico, da necessidade e possibilidade de unir tempos, territórios e pessoas, da noção de sangue e origem.

Gemellaggios devem ser feitos *com os filhos da mesma mãe*; É a coroação de um sonho cultivado a muito tempo naquela comuna (...), onde centenas de imigrantes provenientes do Vêneto fundaram cidades e exerceram atividades comerciais e industriais com sucesso; *são duas famílias que voltam a se reunir após 137 anos* (Grifo nosso).<sup>24</sup>

Como se viu na citação, há processos que se reproduzem na história do associativismo de descendentes de italianos e que reconfiguram temporalidades em razão da apropriação ao presente.

### **“O Vêneto aos vênetos”: *familismo* e *pragmatismo étnico***

Frente a essas questões sintetizadas nesse texto, julga-se necessário enfatizar alguns elementos. Um deles é a simbologia da etnicidade de descendentes



de italianos, da irmandade (pertencimento coletivo) e do *familismo* que se constituiu, em torno das “raízes e origens comuns”<sup>25</sup>. Outra questão é referente à gastronomia e às formas dialetais preservadas nos locais de destino. A arquitetura das casas os porões com pipas de vinho no meio rural também servem de referências temporais que ligam e reconstituem uma memória coletiva e de pertencimento, bem como dois lugares que se fundem no tempo. Rotas turísticas com identificação étnica também são incorporadas às justificativas dos acordos, é o caso, por exemplo, da Rota das Salamarias, Vale dos Vinhedos e a dos Caminhos de Pedra, no nordeste do Rio Grande do Sul<sup>26</sup>. Em entrevistas com representantes da comitiva italiana por ocasião da afirmação do acordo de *gemellaggio*, em Ilópolis (RS), um deles disse que “quando cheguei, estranhei bastante, mas depois me senti em casa, eles falavam que nem os nossos antigos e que a gente sabe ainda”. Num jornal de uma cidade pertencente à região do Vêneto na Itália lemos sobre um *gemellaggio* com o município de Marau, Rio Grande do Sul, a seguinte afirmação:

Vieni, così suggellato il profondo legame tra questi due paesi, divisi da un oceano a così vicini nelle comuni origini e nelle tradizioni. (...), *questa è gente fiera, orgogliosa delle proprie origini* e del proprio presente (...), l’immenso patrimonio sociale e morale che l’Italia possiede all’esterno dei propri confini.<sup>27</sup> (Grifo nosso).

Em pesquisas feitas na Itália viu-se que há imigrantes brasileiros tutelados pelos *gemellaggios* e que, em janeiro e fevereiro de 2019, atuavam em setores vinícolas, no campo da saúde, principalmente na enfermagem em hospitais e casas de atendimento a idosos; viu-se muitos no setor agrícola em geral, na produção de leite, em setores industriais como é o caso do trabalho com mármore e na vinicultura. Diz um empresário que emprega brasileiros numa pequena cidade da província de Vicenza que

è uno riconoscimento formale da parte del comune di Isola Vicentina, di imprese, aziende, realtà produttive, liberi professionisti ecc. *interessate a costituire, determinare e consolidare attività di collaborazione, franchising, joint-venture, partenariato* ecc.<sup>28</sup> (Grifo nosso).

Nessa questão da imigração, há na região do Vêneto, por exemplo, o denominado *Vêneto Community*. É um projeto que agrega forças e representações de várias ordens no sentido de valorizar e fortalecer a chamada *cultura veneta al estero*, ou seja, que objetiva manter e facilitar o retorno e a inserção no território do

Vêneto aos cidadãos italianos emigrados, garantir a manutenção da identidade vêneta e melhorar o conhecimento da cultura de origem, “organizar processos de equilíbrio entre oferta e demanda de trabalho na referida região”;<sup>29</sup> “retorno facilitado para nossos descendentes de emigrantes no Vêneto, agregar redes associacionísticas dos emigrantes vênets, auxílio-casa para todos os que vêm do estrangeiro”. (Assessor Zanon. In: *Vicentini nel Mondo*, a. 52, n. 4, p. 8, abril 2004) “Os vênets terão de responder a uma dívida histórica, política e cultural com relação aos milhões e conterrâneos que, no século passado, tiveram de deixar suas terras. (...). Hoje empreendedores vênets solicitam a viva voz a disponibilidade de mão-de-obra em suas empresas”. (Revista *Vicentini nel Mondo*, ano XLVIII, n. 9, p. 7, jan. 2001) “si costruiscono nuovi alloggi per immigrati ed emigrati di ritorno”. (*Vicentini nel Mondo*, Vicenza, a. 51, p. 9, giug. 2003)

Um assessor provincial da região de Vicenza disse que “devemos reatar as relações com os emigrantes no sul da América e dar novas oportunidades aos descendentes de vicentinos partidos para o Brasil”. (Alessandro Testolin, Assessor Provincial de Vicenza. In: Revista *Vicentini nel Mondo*, ano XLVIII, n. 9, p. 7, jan. 2001) Na matéria de um jornal da região do Vêneto, lemos que “buscamos suprimir a carência de profissionais solicitados do setor sanitário e assistencial, dando possibilidade aos enfermeiros brasileiros, *melhor se com descendentes de italianos*, é o caso de 120 descendentes de imigrantes italianos, 80 enfermeiros, 40 mecânicos para cursos na referida região” (Bepi Grotto, *Il Giornale di Vicenza*, 6/10/89, p. 5. Grifo nosso). Diz o Presidente do Comitato Vicentini nel Mondo, “em vez de buscar em outro lugar, isso de fazer retornar nossa gente é não só um nosso dever moral, mas também um modo de haver nas nossas fábricas mão-de-obra”. (*Il Giornale di Vicenza*, 21/02/2019, p. 3)

A “emigração de retorno” (aos descendentes) é expressão de uma identidade de “bons imigrantes” os considerados mais adaptados, os que, em teoria, teriam melhor capacidade de assimilação e de serem utilizados para o trabalho. Ainda que seja possível perceber alguns elementos de continuidade, de vínculo temporal, de identidades translocalizadas que se irmanam regionalmente pelos atuais *gemellaggios* e acordos de cooperação, a ritualidade étnica foi deslocada, seu conteúdo não reflete a dinâmica dos vividos na Itália de hoje, nem muito menos das terceiras e quartas gerações no Brasil de hoje. A dupla-cidadania, por exemplo, possui dimensões e requisitos jurídicos e burocráticos, não pressupõe ligação e integração do imigrante com o país, o qual não passa a ser mais hospedeiro, pois,

juridicamente, o duplo-cidadão é, também, membro. A mesma revela um pertencimento formal do âmbito nacional, um *familismo legalizado* pelo horizonte público, de distantes raízes, a qual não garante uma persistente integração cultural e política (ZINCONI, 2006); passa tornar-se apenas uma oportunidade instrumental para o mundo do trabalho. Em nome do “estreitar os laços com os vênets no mundo”, ou mais precisamente, “il Veneto ai veneti”, dinâmicas do mundo do trabalho na Itália poderão ser otimizadas pela presença de imigrantes tutelados.



Fonte: <<http://www.pmmarau.com.br/images/noticias/2019/05/Italianos.jpeg>>.

#### FIGURA 7

#### Delegações do Brasil e da Itália no IV Encontro del Gemellaggio – Marau (RS), em 11/06/2019

Desse modo, percebemos que as identidades étnicas tornam-se (trans)temporalizadas, os associacionismo italiano segue em seu curso histórico reconfigurando italianidades, porém, não como um fenômeno isoado, mas na dinâmica da sociedade global. O formato e os sentidos dos *gemellaggios* demonstram os vínculos entre territórios e sujeitos sociais e econômicos, imprimem certo pragmatismo no discurso voltado ao campo econômico, em particular, comercial, técnico e serviços, porém, alimentado pela seiva do passado, da velha imigração e da irmandade étnico-territorial; revelam laços históricos reconstruídos

por encontram e justificam a existência de pontos comuns, em geral, nos antigos e sempre existentes horizontes associativos, valores da *origem italiana*, os quais se renovam em termos de vínculos e externalidades (intenções localizadas no tempo e no espaço), mas reproduzidos como se fossem significados perenes. “Não esqueceremos mais das nossas origens, pois para nós a família é muito importante, e, não obstante, a distância geográfica, nos recordamos todos os dias da pátria de nossos nonos. (...). Uma Itália que consideramos a nossa extensão geográfica”.<sup>30</sup>

### Considerações finais

Viu-se que os *gemellaggios* atestam a atual, mas histórica, dinâmica associativista de italianos no Brasil, porém, com uma diferença em relação a muitas das demais: são efetuadas em coparticipação territorial entre os dois países. Elas exigem vínculos e redes de pertença históricas, essas fundadas na relação entre o espaço de origem e de destino, na necessidade da presença de genealogias transnacionais, as quais redefinem valores e características atribuídas e necessárias aos grupos para que se sintam em pertença e possam dinamizar as simbologias que reconfiguram no tempo as italianidades.

Ainda que de uma forma genérica e sintética, viu-se que a globalização econômica pode se alimentar também pela dinâmica étnico-cultural e/ou vice-versa. Os *gemellaggios* auxiliam na promoção disso. Alguns deles, principalmente com a região do Vêneto na Itália são dinamizados por um amplo projeto denominado de “Ritorno al Lavoro”, ou seja, busca viabilizar trocas econômicas. E isso é incorporado por descendentes de italianos no sul do Brasil. Diz o Presidente da AMESNE (Associação dos Municípios da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul) em discurso para viabilizar um acordo de *gemellaggio* e de cooperação econômica com uma delegação da região do Vêneto: “Nós daqui e vocês de lá do oceano, somos todos italianos. (...). Queremos sentir que a Itália nos é vizinha”. (*Il Giornale di Vicenza*, 20 de agosto de 2017, p. 12)

Os *gemellaggios* revelam sensibilidades e valorizações que se dão entre o lugar que foi deixado (emigração) e a atual tentativa de reconstruir memórias (lugares de memórias e memória de lugares) vividas por imigrantes, as quais foram desterritorializadas pela emigração e que agora se presentificam, reatam-se, produzem pontes que conectam algo da experiência passada na realidade presente;

uma espécie de colagem de tempos que são ressignificados e que marcam a experiência de sujeitos.

A memória coletiva se alimenta em sua expressão social (HALBWACHS, 1990), por isso ela se torna uma grande mediadora, que se nutre de eventos, narrativas, rituais, ilustrações, etc. Quando esse processo envolve etnias, ou grupos de pertencimento a um território, acaba produzindo evocação, agregação e coesão coletiva. Nesse sentido, tempos presentes e passados estão ligados por símbolos narrativos que renovam a dimensão do pertencimento étnico (sangue, origem, tradição, família, etc.). Nesse sentido, os *gemellaggios* necessitam de laços históricos e são reconstruídos por gerações que viveram em regiões distanciadas pela geografia e pelo tempo, mas que encontram e justificam a existência de pontos comuns, em geral, nos antigos e sempre existentes horizontes associativos, os quais se renovam em termos de vínculos e externalidades, mas são reproduzidos como se fossem significados perenes.

Os acordos de coirmandade renovam sentidos da emigração, renovados pelas gerações outras (em geral, bisnetos e trinnetos); potencializam um olhar nostálgico dos descendentes de imigrantes para o passado, porém potencializado pela imigração que deu certo, ou seja, ao imigrante referenciado e como redenção ao sofrimento e penúria do passado; demonstram que as etnicidades são dinâmicas, recriadas com traços de pertença que possibilitam revigorar grupos, rituais e narrativas.

Com os *gemellaggios* torna-se possível buscar raízes de uma árvore mais do que centenária, permitir vestígios e marcas que identificam grupos, nas suas várias formas de ações e manifestações alimentadas pela seiva ressemantizada por noções de “origem” e “sangue italiano”. Essas comunidades transnacionais de cunho étnico revelam um “esforço para ajustar o passado aos jogos identitários do presente” como diz Candau (2011, p. 172), bem como buscam encontrar formas de gestão selecionada do passado no presente com as múltiplas intenções que ela carrega.

## NOTAS

1. Este texto é fruto de projeto de pesquisa desenvolvido e financiado pelo edital Cooperint da Universidade de Verona – Itália – por ocasião do estágio de Professor Visitante, entre os anos de 2018/2019.
2. Um aprofundamento sobre o tema pode ser visto em Franzina (1995), Zanini (2006), De Boni; Costa (1984), Siviero (2004), Colognese (2004).

3. *Gemellaggios* são acordos de cooperação entre dois municípios dos dois países (Itália e Brasil), os quais, a partir de comprovações histórico-genealógicas e dialetais, que vinculam imigrantes do espaço de origem e de destino numa dimensão de passados comuns. Esses acordos objetivam desenvolver intercâmbios culturais, possibilidades de ações econômicas, assessorias técnicas, pesquisas históricas, fortalecer a identidade étnica regionalizada, produzir uma ligação histórico-cultural de pertencimento, ligar gerações de descendentes de imigrantes e dos que ficaram no espaço de origem, etc.
4. Há um imenso acervo de estudos que analisam as organizações e correlações de imigrantes italianos no Brasil com o país de origem e regiões em seu interior, dentre os muitos, ver Franzina (2011); Corti (2011); Trento (1989).
5. Sem podermos adentrar no tema da globalização, indicamos leituras de Ianni (1996) e de Sassen (2008).
6. Ver em Hobsbawm; Ranger (1984) uma análise sobre a importância e necessidade que grupos sociais e/ou nações têm de, constantemente, inovar, readaptar costumes. Os referidos autores esclarecem os processos que fazem com que as tradições sejam perenes e/ou alteradas em termos de significações em determinados tempos, ou seja, em suas ritualizações temporais, interesses políticos, de grupos sociais em (situ)ação.
7. Vários municípios novos do período, no Rio Grande do Sul, passaram a ser denominados com identificação do grupo imigrante que se localizou na região (Nova Bassano, Nova Trento, Nova Bréscia, Nova Roma, Nova Milano, Nova Pádua, etc.).
8. No município de Passo Fundo, centro-norte do Rio Grande do Sul, há uma praça no centro da cidade dedicada aos vários grupos étnicos que compuseram a formação do município. Nela, há vários monumentos dedicados às etnias, porém, a praça é denominada de “Piazza Itália”!
9. Essas são desenvolvidas em vários locais no mundo, fragmentam-se em macrorregiões como a América Latina, ou, então, a América do Sul, na Austrália, no Sul da África, Europa, etc., ou seja, demonstram uma grande rede entrelaçada territorialmente por fatores regionais e étnicos que, também, se mundializam.
10. Segundo Colognese (2004, p. 62), havia no Brasil, no final dos anos 1990, cerca de 1.400 associações étnicas de italianos, com grande centralidade em São Paulo e Rio Grande do Sul.
11. Fragmentos de entrevistas diretas com responsáveis por *gemellaggios* nos municípios de Jacutinga, Marau e Veranópolis, no estado do Rio Grande do Sul.
12. Não temos condições em razão do espaço para adentrar nas questões polêmicas em torno da noção de identidade. Indicamos algumas fontes, as quais o tema é centrado: Candau (2011), Seyferth (1993), Santos (2004), Zanini (2006).
13. Entrevista direta com um responsável pelo *gemellaggio* com o município de Marau, nordeste do Rio Grande do Sul, em janeiro de 2019.
14. Sobre a cidadania italiana e seus efeitos transnacionais, ver TINTORI, 2009; sobre os efeitos e requisitos da dupla-cidadania na sociedade italiana e externa, ver também, ZINCONE. 2006.
15. Num jornal da Itália, lemos a seguinte manchete: “Seren e Marau, nas veias, o mesmo sangue” (Jornal *Correire delle Alpi*, 14 novembro de 2012, p. 30). No texto narrativo, algumas passagens são significativas nesse sentido: “A colaboração recíproca é importante e é melhor cultivar com o Brasil porque é como estar em nossa casa”, Prefeito Loris Scopel de Seren del Grappa, em discurso oficial por ocasião da assinatura do acordo em seu município, com a delegação de Marau.
16. Informações obtidas junto ao Consulado Italiano de Porto Alegre em abril de 2019.
17. Esses são vários e, comumente, representam do nível regional/local até os de ordem internacional da região específica até a representação dos vênets do mundo, bem como

de entidades que representam todas as associações de um referido país em correlação com as da Itália.

18. Gravação efetivada com membro da coordenação do evento, por ocasião de um acordo de *gemellaggio* no município de Nova Prata, nordeste do Rio Grande do Sul, em 15 de outubro de 2017.
19. Documento de justificação do *gemellaggio* entre Marau e Isola Vicentina. Prefeitura Municipal de Marau.
20. Fragmentos de textos dos documentos de *gemellaggios* colhidos em pesquisa de campo em alguns municípios *gemellados* no Rio Grande do Sul.
21. Fonte: <[http://www.radiosolaris.com.br/www/portal/?view=noticia&id\\_wG1df.dpuf](http://www.radiosolaris.com.br/www/portal/?view=noticia&id_wG1df.dpuf)>.
22. “Entre Itália e Brasil, terra da nossa mais antiga e massiva emigração, essas relações expressam um autêntico *boom*. Redescoberta de valores e origens comuns, aprofundamentos culturais, intercâmbios de experiências de gestão administrativa, desenvolvimento do turismo social”. “Foram feitos acordos oficiais com o setor político e empresarial, encontros com a comunidade local, eventos culturais e espirituais, os quais evidenciaram aspectos interessantes. (...). Portanto, os *gemellaggios* são instrumentos que dão um forte impulso a essa tendência e incentivam o turismo local” (Tradução livre). In: <[http://www.messengerosantantonio.it/messenger\\_articolo.asp?IDX=RX=182](http://www.messengerosantantonio.it/messenger_articolo.asp?IDX=RX=182)>.
23. Palavras do assessor provincial Raffaele Zanon, 20/6/01. Acordo de *gemellaggio* entre Valdistico (região do Vêneto) e Encantado (no Rio Grande do Sul). Fonte: *Il Giornale di Vicenza*, em 27 de junho de 2001, p. 3.
24. Fragmentos de entrevistas diretas com responsáveis por *gemellaggios* em Ilópolis, Nova Prata e Veranópolis, nordeste do Rio Grande do Sul por ocasião de instalação dos referidos acordos.
25. Fizemos um levantamento de matérias em vários jornais por ocasião da data das assinaturas de alguns dos convênios e isso fica bem evidente; inclusive, em alguns casos, tanto no Brasil, quanto na Itália, são efetivados números especiais de jornais e/ou matérias específicas dos municípios/prefeituras em torno do fato.
26. Vimos que as delegações da Itália são levadas para conhecer locais de rotas turísticas. Uma vasta programação é sempre planejada, com várias atividades: “Sono stati giorni di festa con pranzi, musica, balli e visite ad insediamenti turistici-rurali locali”, diz um jornal na Itália de um dos municípios *gemellados* por ocasião da ida de uma delegação para a cidade coirmã no norte do Rio Grande do Sul.
27. “Venham, assim afirmamos o profundo vínculo entre esses dois países, divididos por um oceano, e assim vizinhos nas origens comuns e nas tradições. (...) Essa é gente de confiança, orgulhosa das próprias origens e do próprio presente. (...), imenso patrimônio social e moral que a Itália possui fora de seus próprios confins” (Tradução livre). In: *Vicentini nel Mondo*, ano XLVIII, n. 9, p. 7, jan. 2017.
28. “É um reconhecimento formal da parte da Prefeitura de Isola Vicentina, de empresas, do setor produtivo, de profissionais liberais, etc., interessados em constituir, determinar e consolidar colaborações, franquias, acordos de cooperação, parcerias, etc.” (Tradução livre). Entrevista realizada com membro da comissão do *gemellaggio* de Isola Vicentina com o município de Marau, em janeiro de 2019.
29. Sobre as especificidades do Projeto em seus vários temas, ver: <[www.consiglio Veneto.it/leggi/2003](http://www.consiglio Veneto.it/leggi/2003)>.
30. Discurso pronunciado pelo coordenador do grupo folclórico italo-gaúcho “Galpão da Saudade”, de Serafina Corrêa – nordeste do RS, em apresentação na região do Vêneto. *Il Giornale di Vicenza*, 6/11/00, p. 11.

## REFERÊNCIAS

- BAROUH, Simon (Dir.). *Dynamiques migratoires et rencontres ethniques*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- BAUMAN, Zigmund. *Comunidade: a busca de segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERTAGNA, Federica. *Una patria di riserva: l'emigrazione fascista in Argentina*. Roma: Donzelli, 2006.
- BIONDI, Luigi. Mãos unidas, corações divididos: as sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas. *Tempo: Revista do Departamento de História da UFF*, n. 1, 2012.
- CANDAUI, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1978.
- COLOGNESE, Silvio Antônio. *Associações étnicas de italianos: identidade e globalização*. São Paulo: Itália Nova, 2004.
- CORTI, Paula. Le dinamiche dell'italianità nella storia delle migrazioni nazionali. *Rivista Passato e Presente*, Roma, n. 12, p. 87-100, 2011.
- COSTA, Rovílio.; DE BONI, Luis. Antônio. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, 1984.
- FRANZINA, Emílio. *Gli italiani al Nuovo Mondo*. Milano: Mondadori, 1995.
- \_\_\_\_\_. *La patria degli italiani all'estero*. Bologna: Il Mulino, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1990.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IANNI, Otávio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- LUCA, Tania Regina de. As sociedades de socorros mútuos italianos em São Paulo. In: DE BONI, Luis Antônio. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. 2, p. 148-162.
- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire. La République*. Paris: Gallimard, 1992.
- NORONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2001.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrante italianos de Caxias do Sul/RS*. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SASSEN, Saskia. *Una sociologia della globalizzazione*. Torino: Einaudi, 2008.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 31-63, 1993.



SIVIERO, Ivone Bigolin. *Reatando o elo com a Itália*. Chapecó: Argos, 2004.

TINTORI, Guido. *Fardeli d'Italia: conseguenze nazionali e transnazionali delle politiche di cittadinanza italiane*. Roma: Carocci, 2009.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

\_\_\_\_\_. La stampa periodica italiana in Brasile – 1865-1915. *Il Veltro: Rivista della Civiltà Italiana*, v. XXXIV, n. 3, p. 301-315, 1990.

ZANINI, Maria Catarina. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria/RS*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2006.

ZINCONI, Giovanna (a cura di). *Familismo legale: come (non) diventare italiani*. Roma-Bari: Laterza, 2006.

**João Carlos Tedesco** é Professor Titular e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), no Rio Grande do Sul, Brasil. Pós-Doutor em História Contemporânea pela Universidade de Milão e pela Universidade de Verona, ambas na Itália. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Economia e Graduado em Filosofia pela UPF. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq – nível 2.

**Como citar:**

TEDESCO, João Carlos. *Gemellaggios e transnacionalismo étnico: ritualidades de memória coletiva de italianidades*. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 129-153, jul./dez. 2019. Disponível em: <[pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br)>.